

Projeto de Iniciação Científica – FAPESP

Orientadora: Luciane de Paula

Orientando: Jonathan Eliã de Almeida Nunes

A CONSTITUIÇÃO DIALÓGICA DE FRANKENSTEIN E SUAS CRIATURAS: RESSIGNIFICAÇÕES DA AMBIVALÊNCIA HUMANA A PARTIR DE PENNY DREADFUL

THE DIALOGICAL CONSTITUTION OF FRANKENSTEIN AND CREATURES: RESIGNIFICATION OF HUMAN AMBIVALENCE FROM THE TV SHOW PENNY DREADFUL

RESUMO: O projeto tem como *corpus* a minissérie televisiva britânica *Penny Dreadful* (2014), a qual reconstrói de forma dialógica alguns personagens da obra literária *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley. A minissérie estabelece uma relação dialógica, também, com poetas e literatos da Era Vitoriana ou anterior de forma interdiscursiva e intertextual. *Penny Dreadful* constrói, desta forma, enunciados que se diferem na forma, abordagem e conteúdo temático. No contexto da minissérie, as ideologias e as características dos personagens se modificam em relação ao original por estarem em um processo de transição cultural e em também pela relação com os outros sujeitos ao decorrer do enredo. O projeto está focado na análise da representação da complexidade no âmago da existência humana personificada pelos sujeitos Victor Frankenstein, Caliban – mais tarde auto proclamado como John Clare –, Proteus e Lily, reproduzida a partir do nascimento destas criaturas e das relações delas entre si e outras personagens. Para isto, serão utilizados os conceitos de sujeito, ideologia, gênero, exotopia, enunciado e estética, presentes nas obras do Círculo de Bakhtin, Medvedev e Volochinov, a fim de entender como o sujeito, introduzido socialmente, é constituído pelas contradições – bem e mal, morte e vida, luz e sombras – não como características dicotômicas, mas coabitantes na essência do ser e esta composição contraditória é observada como elemento que caracteriza a arquitetônica da minissérie e o traço autoral do criador, John Logan.

PALAVRAS CHAVE: Ideologia; Bakhtin; Dialogismo; *Frankenstein*.

ABSTRACT: The following research project intend to study and to analysis the British TV show *Penny Dreadful* (2014). This British TV show rebuilds characters with some characteristics from *Frankenstein* (1818), Mary Shelley's literary work and another some poets and writers of Victorian era or before by dialogical relation, interdiscursive/intertextual form. *Penny Dreadful* build utterances that differ in form, approach and subject content. In the context of this TV show the ideologies and the original characters are modifying themselves because they are in a cultural transition process. The research project is going to focus in the analysis of human complexity's representation, personifying by the subjects Victor Frankenstein, Caliban – later called herself like John Clare – Proteus and Lily, in special by the birth of these creatures. We are going to use the concepts of subject, ideology, gender, exotopy, utterance and aesthetic created by Bakhtin's Circle, Medvedev e Volochinov in order to understand how the subject, socially introduced, is composed by contradictions. These contradictions – good and

bad, death and life, light and shadows – are not dichotomies, but they are cohabitants in essence of the Human being. This contradictory composition is observed like an architectural element of *Penny Dreadful* and an authorial mark of its creator, John Logan.

KEYWORDS: Ideology; Bakhtin; Dialogism; *Frankenstein*.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A proposta deste projeto é analisar, a partir da concepção de Filosofia da Linguagem dentro do Círculo de Bakhtin, as relações do homem com o próprio homem, representada pelo personagem Victor Frankenstein e suas criaturas dentro da minissérie televisiva *Penny Dreadful* (2014). A pesquisa iniciará sua reflexão a partir de um acontecimento que se repete em três episódios; o segundo da primeira temporada intitulado *Seance* (2014), o terceiro, intitulado *Resurrection* (2014) e o primeiro episódio da segunda temporada, intitulado *Fresh Hell* (2015). Por meio de Victor Frankenstein e suas criaturas, refletiremos sobre a complexidade humana que se (re)vela entre as relações construídas entre os homens – no caso, entre o médico e suas criaturas – afim de compreender como estas características e vozes contraditórias não se desvencilham ou anulam-se, mas coabitam o sujeito, isto torna-se um traço composicional intrínseco no estilo autoral de John Logan, criador da série. Os personagens serão trabalhados em interação entre si (o Doutor e suas criaturas) e, por cotejo, em interação com outros sujeitos presentes na série que se agrupam por afinidade em suas contradições, construindo-se dialogicamente com outros enunciados re-significados, como o personagem literário Dorian Gray, de Oscar Wilde e Van Helsing, de Bram Stoker.

Luz e sombras, o angelical e o demoníaco, vida e morte, são os elementos que permeiam o mundo dialogicamente criado por John Logan, não como dicotomias, mas como concepções que coabitam o ser humano e torna-o, de fato, humano. Uma das particularidades da série é sua construção dialógica com obras literárias do universo gótico britânico. Na composição de seu enredo, ao introduzir o personagem Victor Frankenstein, de Mary Shelley, Logan ressignifica

o personagem. Ele (Logan) estabelece um diálogo com a obra de Shelley e outras (re)produções, tanto precedentes quanto subsequentes, o resultado é um enunciado único, uma vez que ele responde à arquitetônica que o engloba e a um estilo autoral singular que determina a caracterização do personagem em sua relação com o autor-criador e a obra. Para o Círculo de Bakhtin, Medvedév e Voloshinov, o conceito de enunciado se refere ao material linguístico, uma unidade real de comunicação dialógica que necessita da compreensão ativa do outro e do enunciado extralinguístico – fatores externos ao qual se encontra o enunciado – para sua contextualização e significação. O enunciado produzido possui, assim, um sentido único a cada enunciação ou produção enunciativa, que carrega um conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Em *Estética da criação verbal*, Bakhtin diz que “Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado [...] cada enunciado particular é individual” (Bakhtin, 2011, p. 262), portanto, é característica intrínseca desta concepção a singularidade do enunciado produzido e a necessidade da ativa compreensão responsiva para sua constituição, que “concorda ou discorda dele [enunciado], completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, [...] Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva [...] o ouvinte se torna falante.” (idem, p. 271), que gera a partir da compreensão ativa, discursos subsequentes, sempre responsivos, que o torna (enunciado) em um “elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (idem, p. 272).

Podemos considerar a presença de Victor Frankenstein, portanto como um enunciado único, que responde ao estilo autoral de seu (re)criador e ao contexto histórico, ideológico, sociocultural permeado, pois, a reprodução do enunciado se constitui, também, do espaço-tempo de enunciação, esfera de produção e o gênero do discurso utilizado. Diferentes funções

e determinadas condições de comunicação do discurso, dentro da especificidade de cada campo da atividade humana, geram determinados estilos de gêneros discursivos. A reprodução e reconstrução fílmica do personagem de Mary Shelley em *Penny Dreadful* corresponde a um gênero discursivo que se difere da obra original textual, pois se utiliza uma estilística singular por pertencer à outra esfera de comunicação, outro conteúdo temático e outro estilo autoral. Nos atentaremos aos fatores próprios do gênero fílmico como enquadramento, sequência de quadros, a construção visual e estética da personagem, compõem a arquitetura da série televisiva e, assim, todas estas materialidades se unem para construir um sentido, um enunciado único.

Penny Dreadful é uma série britânica lançada em 2014, exibida nos Estados Unidos pelo canal *Showtime* e no Brasil pela *HBO*. A série se passa em meados do século XIX, na Era Vitoriana, um momento de transição da cultura britânica clássica para a modernidade (transições ideológicas), com a repercussão do método científico e a chegada da revolução industrial, época de grande desenvolvimento nas ciências – inclusive nas humanas – e um período econômico conturbado. Em meio a esse enunciado, Frankenstein é reconstruído com determinados traços autorais, dentro de outro tempo-espaço e em contato com outros sujeitos que não mais o do livro de Mary Shelley, o qual carrega as ideologias vigentes distintas que estão em constante embate na interação com outros personagens que respondem axiologicamente tanto ao autor-criador quanto à realidade pertencente. A interação de Frankenstein se dá, sobretudo, com suas criaturas, que passam a ganhar voz ativa, que contrapõem a do Doutor em uma relação de alteridade, como um dos “eus” que compõem o sujeito.

Não seria possível abordar todas as construções dialógicas no interior da série para trabalhar a temática da ambivalência na constituição humana, então, nos concentraremos, como

anteriormente citado, no acontecimento que ocorre no segundo e terceiro episódio da primeira temporada da série e no primeiro episódio da segunda temporada: a representação da existência humana a partir do nascimento das criaturas.

O segundo episódio é intitulado *Seance* e se refere a sessão espírita de uma das personagens, Vanessa Ives. Nele passamos a assistir à interação da primeira criatura de Victor que nos foi introduzida. A primeira coisa que pode ser percebida é que, apesar das referências à obra de 1818, a caracterização estética desta criatura foge das descrições de Shelley. A questão estética, tanto na narrativa de Shelley quanto na reprodução imagética da série, fazem parte da composição do sujeito e tem a função de reiterar a posição de “monstro” (excluído da normalidade) dada à criatura, pois a valoração estética (grotesco ou belo) é uma construção valorativa criada a partir de uma convenção social e que interfere diretamente na aceitação do sujeito na sociedade com seus parâmetros estéticos vigentes. Sobretudo, essa valoração é um ato-estético, um posicionamento axiológico que o outro assume em relação ao outro ou ao objeto e que só é possível a partir da inter-ação entre os sujeitos, só a partir da exotopia, o excedente de visão que o “eu-outro” incorpora, é possível o acabamento estético, pois não podemos ver o outro ou a nós mesmos em finitude, em todas as perspectivas, por isto precisamos do olhar transgrediente do outro.

Para tanto, é necessário pontuar que, assim como o “eu-para-mim”, o meu “eu-outro” encontra-se em um contexto histórico e social, portanto, situado e constituído de uma forma singular. Pensar nestas posições axiológicas do “eu-para-mim” e “eu-outro”, o embate dos “eus”, que se refletem e refratam no outro, em relação à estética da criatura e a valoração da sociedade é uma das propostas analíticas do projeto. Afinal, a construção estética busca acentuar ou atenuar uma determinada característica dada pelo autor-criador que possui uma determinada significação e valoração que contrasta ou acentua o padrão, a “normalidade”, da

sociedade ao qual o personagem se encontra e interfere diretamente na interação entre os sujeitos que compõem o enredo.

A ambivalência na composição do núcleo do Frankenstein é marcada pelo nascimento das criaturas, pela caracterização visual-estética e pelos diálogos entre os sujeitos, Victor Frankenstein e criaturas. O conceito do termo “nascimento”, dentro da série, não se refere apenas ao biológico, mas ao nascimento social do personagem. As referências iniciais que embasaram a composição da consciência ética das três criaturas – Lily, Caliban e Proteus – se diferem e ocasiona o embate entre as vozes sociais que cada personagem incorpora e que habita no interior da consciência humana. No segundo episódio da primeira temporada a primeira criatura é introduzida na série. Aos poucos, Victor se afeiçoa à criatura. Este, que não tem uma consciência social construída, aprende a falar, comer, interagir e a comportar-se, “tornar-se humano”, a partir de Victor Frankenstein, que não o negou como seu “filho”. Além de ganhar um nome dado a partir de um livro de Shakespeare, Proteus é acolhido e estabelece um laço afetivo recíproco e é ensinado a enxergar o mundo a partir dos olhos de seu criador. Quando Proteus começa a balbuciar nomes referentes às imagens e objetos vistos pela casa, Victor decide leva-lo para ver a cidade em movimento, o universo social – introduzi-lo pela primeira vez à sociedade para que ele se reconheça como parte integrante na realidade a qual Victor Frankenstein pertence.

Proteus entra em contato com o mundo apresentado por Victor e, conforme caminha, observa e reconhece as coisas e passa a nomear animais, roupas, comidas, especiarias e interage diretamente com os objetos que compõe a realidade, mas ainda ingênuo no sistema social valorativo – ao tocar uma prostituta ele é puxado por Frankenstein, que o censura. Em seguida, Victor oferece uma avelã para Proteus, que torna as primeiras experiências cognitivas, neste momento, degustativas, agradáveis. Olhos, ouvidos, fala, toque, todos os sentidos de Proteus

são trabalhados em sua primeira visita àquela “realidade”. No final do episódio, durante um diálogo entre Frankenstein com Proteus, duas mãos atravessam o peito da criatura e um indivíduo o atravessa, abre-o, rasga-o, manchando-se de sangue e, a partir do posicionamento do personagem, enquadramento e sequência de quadros, retrata aquele como o parto, (re)nascimento da segunda criatura a partir da primeira.

O que torna este episódio de suma importância para esta pesquisa é a representação do sujeito sendo construído no campo ideológico. Marx nomeia o conceito de “ideologia” como “falsa consciência”. Para o Círculo de Bakhtin, a “ideologia” é uma construção de um sistema superficial de valores, a constante re-composição dos valores que estão entrelaçados à sociedade e que é estabelecida como “realidade” através da linguagem não verbal e dos signos, que é a materialização da consciência (individual ou coletiva) que reflete e refrata a perspectiva do sujeito – sendo constituída a partir da ideologia social e reproduzida a partir da interpretação individual. Ao se utilizar dos signos, o homem materializa suas convicções, seus desejos, seus pensamentos e se posiciona em relação à representação do mundo.

O campo principal da comunicação se dá na interação verbal, o que torna a língua o lugar mais completo da materialização do fenômeno ideológico. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin escreve que “o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos (...) Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico” (Bakhtin, 1988, p.32). O enunciado construído em *Penny Dreadful* está inserido em um contexto histórico e social singulares que carrega as concepções que refletem e refratam o sujeito de modo a representar determinada ideologia, que, por sua vez, entra em embate com as criaturas, influenciadas em sua constituição social e posicionamento axiológico.

O terceiro episódio é intitulado *Ressurrection* e se refere ao “renascimento” da primeira criatura, a segunda introduzida na sequência da série, mas segundo o enredo, esta é o primogênito das experiências sucedidas por Victor Frankenstein e personagem direto em referência à criatura de Mary Shelley. O episódio nos mostra duas histórias fundamentais: a da primeira criatura e a do doutor, sobre como nasceu sua aspiração pela imortalidade. Outras duas pontes com o romance de Mary Shelley são construídas nesse episódio, as duas narrativas (livro e série) sobre a história do doutor se cruzam. Desde cedo Victor possuía um fascínio pela composição, essência e origem da matéria orgânica. Havia uma curiosidade sobretudo pela morte. Após ver sua mãe morrer e tia morrerem, reforçou seu ímpeto em alcançar a fronteira da imortalidade. A ausência da vida foi o motivo para a (re)construção desta, o qual deu origem à construção de uma criatura. A narrativa que demonstra a vida do Doutor é fundamental para entender seus posicionamentos futuros, o abandono que ocorre na relação entre Victor, a mãe, o cão e a tia, é posteriormente reproduzido na relação entre o Frankenstein e suas criações. Assim como os nascimentos, os abandonos se repetem no núcleo de Victor Frankenstein e o contraste entre a relação do Victor com uma criatura influencia na construção da outra, como no caso de Caliban que sente a ausência do “pai”, enquanto Proteus teve os cuidados de seu criador.

O primogênito entre as criaturas recebeu o nome “Caliban”. O nome faz referência ao personagem de Shakespeare do romance *The Tempest*. Caliban, na peça teatral, é um escravo deformado que está a serviço de Próspero, Duque de Milão, e que faz contraste a este, uma vez que ele (Caliban) representa a deformidade, o que não é “belo” e é guiado pelos instintos, o que é inaceitável no meio social considerado “civilizado”. A série se utiliza destas referências literárias para reforçar a condição de monstro em torno de Caliban em *Penny Dreadful*. Uma das características importantes da série que será analisada durante o projeto é a presença de

forma intertextual e interdiscursiva – que aparece de forma paródica ou é reproduzida durante os diálogos – de textos de obras poéticas. Estes textos aparecem de forma frequente nos diálogos, faz parte da composição direta dos sujeitos, portanto, os versos e as obras poéticas (re)velam os personagens uns aos outros, eles (os versos) se tornam peças-chaves nas relações entre os sujeitos presentes na série, pois, os constituem pela intertextualidade. Este é o caso de Caliban, que desenvolve sua capacidade cognitiva de leitura e reflexão a partir dos escritos de Wordsworth e outros literatos. Durante o enredo, a criatura utiliza os versos destes poetas para representar a si próprio. A obra poética de Wordsworth, as poesias e as obras literárias, refletem e refratam os sujeitos. Inserem-se como parte, deste modo, do todo do personagem, de seu acabamento estético dado pelo autor-criador (John Logan). Estes autores fazem parte das manifestações que caracterizam o todo de cada personagem. Bakhtin ainda em *Estética da criação verbal* diz que

“o autor acentua cada particularidade da sua personagem, cada traço seu, cada acontecimento e cada ato de sua vida, os seus pensamentos e sentimentos, da mesma forma como na vida nós respondemos axiologicamente a cada manifestação daqueles que nos rodeiam (...) Como veremos adiante, é ainda em nós mesmos que somos menos aptos e conseguimos perceber esse todo da personagem, cujas manifestações particulares são todas importantes para caracterizar esse todo como elemento da obra. (...) É especificamente estética essa resposta ao todo da pessoa-personagem” (p. 03 – 04)

Ao Caliban narrar sua trajetória, vemos quais foram as referências que o compôs. Diferente de seu “irmão”, o primogênito nasceu em agonia e não foi acolhido por Frankenstein, que fugiu e o abandonou. A primeira ação humana experimentada por Caliban foi a rejeição. Assim como Proteus em seu nascimento, Caliban não estava inserido nos costumes sociais vigentes e não possuía conhecimento sobre si e o mundo. Trancou-se na casa que outrora fora de seu criador e, solitário pelo abandono que Victor Frankenstein reproduz, a criatura se debruça sobre uma janela da casa que está voltada para a rua. Uma vez que a vista desta janela reflete o comportamento dos sujeitos daquela sociedade, a criatura passa a aprender sobre o homem e a

“humanidade” a partir da observação da relação do homem com o próprio homem. E a partir dos livros de poesia deixados por Frankenstein ela aprende a ler e a refletir a relação entre si, Victor e o mundo. Os livros e a poesia se tornam essenciais na constituição crítica da criatura.

Referências ao Wordsworth e à poesia naturalista, pastoral, é feita em alguns momentos em que valores antigos são colocados em contraposição à modernidade. A criatura no terceiro episódio utiliza um poema sobre modernidade do poeta William Wordsworth e utilizando-se do texto, (re)vela seu posicionamento em relação ao seu criador a partir da temática poética de Wordsworth – a relação do novo e o velho mundo. Os dois sujeitos, Victor Frankenstein e Caliban, personificam vozes sociais dialógicas de uma determinada sociedade que está em transição, em embate, mudança, o “velho” que traz o “novo”, a era clássica que dá origem à revolução industrial e que são necessárias umas às outras, constitutivas entre si. A janela da casa que Caliban se apoiou torna-se sua tutora, representa os homens e o que é “humanidade”. Um quadro vivo que a criatura utiliza para definir o homem a partir da observação das relações humanas que vemos ser a subjugação do forte ao fraco, a dor, morte, o que o homem é capaz de fazer consigo, com o outro e com os animais, este último é tratado de forma diferente; batem, gritam, prendem e rejeitam. Caliban se reconhece como um animal e rejeita aquela “humanidade” que vê.

“Humanidade” e “Monstruosidade” são valores definidos a partir da convenção social, posicionamentos axiológicos que inferem na padronização estética, do meio em que o sujeito, “Ser em processo” (BAKHTIN, 1933), encontra-se. Segundo Bakhtin em Para uma Filosofia do Ato, “Contemplar esteticamente significa submeter um objeto ao plano valorativo do *outro*” (trad. Faraco, C. A., 1933, p.92). O sujeito é construído na e pela linguagem, a linguagem reflete e refrata o homem e o meio que veicula a partir da interação com o “outro”. Estes posicionamentos valorativos são ideológicos, é a voz ativa do outro que discorda, opina,

interfere na sociedade com suas concepções. Não existe uma concepção única, pois, como as constituições éticas dos sujeitos se diferem, pontos de vista também serão diferentes. O considerado grotesco e sublime são duas faces da mesma moeda.

Acredito que esta seja a maior relevância deste projeto: a possível contribuição à pesquisa dialógica ao compreender a constituição do homem a partir do contraditório, sendo este contraditório uma relação dos “eu-outros”. Uma vez que ele (o homem) é constituído a partir da vivência em sociedade, em processo de interpretação de símbolos, construção de si e de seus posicionamentos, sempre de forma ética e responsiva. É do interesse deste projeto refletir a arquitetônica e estética da série que constrói um discurso que reflete e refrata a realidade exterior por meio de elementos verbocovisuais da realidade ao qual o homem está inserido e, em relação à recepção e produção, estudos entre enunciados – séries televisivas e as obras literárias. Também é de interesse do projeto a reflexão acerca dos conceitos teóricos do Círculo de Bakhtin, Medvedév e Voloshinov aplicados em enunciados que se utilizam não só da linguagem verbal, mas que são entrelaçados pelo visual, sonoro e, também, verbal, nas composições arquitetônicas dos enunciados.

Para Caliban, a janela torna-se “alguém”, já que ele atribui a ela o adjetivo “tutora” – animismo – ele imbui valoração humana e torna-a seu “outro” em uma relação de alteridade. A janela ultrapassa o nível de “significado” e enrola-se em fios que se conectam com as outras realidades ideológicas. Em interação com o “outro”, o “eu” adquire identidade, a partir da alteridade, com as vozes personificadas nos “outros” que fazem parte dele e o constituem. Na relação de alteridade, que lançaremos mão durante a pesquisa, Bakhtin diz que somos constituídos em três perspectivas: “eu-para-mim”, “eu-para-outro” e “outro-para-mim”. O “eu” possui uma visão própria que é inalcançável para os sujeitos exteriores, porém, é incompleta, pois não conseguimos nos ver em completude já que esta completude é incorporada ao olhar

do “eu-outro” que possui um excedente de visão que nos é cego, excedente que pode nos ver em nossa finitude e que constitui um olhar que difere, mas é necessário, do “eu-para-mim”.

Este excedente de visão se chama “exotopia”; isto é, deslocar-se para fora, no lugar que se encontra o “outro”, necessário para a complementação do “eu”. Por isso, ao Caliban atribuir à janela o status de ser vivente, tutora, ele passa a encará-la como seu “outro” que o ensina sobre o que ele é (ou deveria ser, de forma social) a partir da representação do homem no cotidiano, visto a distância, na margem da sociedade. A janela, assim como outros objetos como os livros de poesia, adquire o caráter de símbolo ideológico, neste caso se trata de um objeto que é convertido em signo e que ultrapassa seu sentido material – uma janela comum – mas que conserva determinada função simbólica e imagética e que reflete e refrata uma realidade ideológica, que interfere diretamente no sujeito, pois, como está em Marxismo e Filosofia da Linguagem, “converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, outra realidade.” (Bakhtin, 1988, p. 31). Faz parte do projeto a análise acerca destas figuras que aparecem para fazer a diferenciação entre criatura, criador e “mundo”, objetos que se tornaram signos ideológicos ao representar outra realidade significativa para o sujeito.

No primeiro episódio da segunda temporada ocorre o nascimento da terceira criatura. O nascimento, como já citado, é o principal acontecimento a que este projeto se debruça para refletir acerca da complexidade da existência humana e na relação do homem com o próprio homem, no caso, a temática no interior da interação entre criador e criaturas. A terceira representação de nascimento se difere das outras duas pelo fato de a criatura ser uma figura feminina. Lily é uma das personagens que também volta a vida por meio do experimento de Frankenstein e, a partir do enredo, esta figura é (re)construída com o propósito de ser a noiva de Caliban, a esta altura automeado John Clare. Lily, após acordar, vive com Frankenstein

para que este a ajude no desenvolvimento de seu sistema cognitivo e para ser seu tutor, “prepara-la” para Caliban. De acordo com seu progresso, Lily recebe as visitas de Caliban, agora John Clare, que, a partir das lembranças construídas artificialmente por Frankenstein, é descrito para Lily como seu pretendente. Victor reconstrói suas memórias, chama-a de prima, ensina-a a se comportar de acordo com os padrões femininos da época e modifica-a, molda-a, de acordo com suas preferências. A relação entre Victor Frankenstein e Lily é de criador e criatura, que é moldada para servir apenas a um propósito pré-estabelecido – no caso, tornar-se noiva de John Clare, a primeira criatura. Sua interação com o mundo não é como a de Proteus, que é guiado livre para se sentir parte da sociedade ou como a de Caliban, que é abandonado por Victor. Frankenstein afeiçoa-se à Lily mas sua relação é estabelecida a partir do controle e do encaixe da criatura à ideologia da época que determina o comportamento feminino segundo a vontade de seu criador. Em determinado momento da história, Lily rebela-se contra os valores e às vontades impostas e decide ir embora.

Ao Frankenstein construir a memória de Lily, a série estabelece uma ponte com a figura de Elizabeth, personagem que no livro de Mary Shelley é a prima de criação de Victor. Esta morre pelas mãos da Criatura. A intertextualidade não está por acaso, o papel da representação feminina como uma das criaturas de Victor, que se assume como criador e constrói uma relação não paternal, mas de homem e mulher, sujeito e posse, será analisada em interação com a arquitetônica da série e os outros personagens. Como será desenvolvido durante a pesquisa, a imagem da mulher como criação do doutor, sendo feita para sanar os desejos da primeira criatura, pode ser observada com um caráter bíblico, sendo a Lily em referência à Lilith – que segundo os apócrifos é a primeira mulher de Adão, criada para servi-lo, que se rebela e foge do paraíso.

O nascimento de cada criatura representa uma das facetas da existência humana que será trabalhada durante a pesquisa. Caliban, Proteus e Lily se singularizam em suas referências iniciais de constituição. As relações deles com seu criador são diferentes, assim como as particulares interações com a sociedade e isto resulta em posicionamentos axiológicos distintos a partir daí. Como os outros sujeitos protagonistas interagem entre si, compartilham, escondem, debatem e lidam com suas contradições e complexidades? Como esta noção de ambivalência na existência humana foi construída ao redor dos outros personagens? Por cotejo será estudado esta questão, que sempre nos reportará ao caráter dialógico dos personagens que conversam com suas obras clássicas textuais – como é o caso de Dorian Gray. Lançaremos mão dos conceitos de estética, enunciado, ato responsável, dialogia, arquetônica, exotopia, etc., conforme o necessário, já que, assim como a arquetônica de Bakhtin (a qual todos os conceitos interagem entre si, são constituintes e não podem ser discutidos separadamente) todos estes elementos caracterizam o discurso da minissérie como enunciado dialógico e responsivo, inspirado na obra de Frankenstein da Mary Shelley e outras (re)produções – antecedentes ou subsequentes – que fazem parte desta cadeia enunciativa. Nossa intenção é verificar a relação de alteridade incorporada não só aos personagens, mas aos objetos (res)significados que desempenham seus papéis constitutivos a partir dos atos exercidos pelos sujeitos no interior da narrativa que compõe a tessitura da série e do ponto de partida deste projeto, o “nascimento”, palavra que comporta fios semânticos infinitos e varia com o enunciado extralinguístico ao qual é incorporado.

No terceiro episódio, *Ressurrection*, Caliban utiliza a referência da máscara de Janos para comparar sua relação com a de Frankenstein. Janos era um deus romano que possuía duas faces, cada uma com sua visão voltada para um lado, e representava as transições como uma das várias interpretações dadas pelos homens. Uma face para o futuro e outra para o passado.

Novamente faz referência à personificação dos personagens às vozes sociais que caracteriza o espaço-tempo. Um dos exemplos são os valores – que se revelam a partir dos objetos, vocabulário, da linguagem corporal, das vestimentas – que regem a figura da mulher da época vigente na série em contraste à autonomia que Lily assume em relação à sua própria existência para re-significar suas relações – com a sociedade, consigo e com seu criador.

A minissérie faz muitas aproximações e distanciamentos da obra original da Mary Shelley, e imbui de significações transcendentes à materialidade alguns objetos, assim como dá voz ativa aos personagens e as concretizações enunciativas, que torna a presença de Victor Frankenstein interdiscursiva e intertextual. O projeto é refletirá sobre todos estes elementos que fazem parte da representação da complexidade humana, a ambivalência, no núcleo de Victor Frankenstein em interação com o nascimento das suas criaturas. É necessário pensar, também, produção, recepção e acabamento estético da minissérie televisiva nas esferas de comunicação em massa. O Círculo de Bakhtin, Voloshnov e Medvedév fundamenta o projeto proposto e nos auxilia a refletir sobre o enunciado da série, em um embate constante entre forças centrífugas e centrípetas que põe os valores que permeiam a sociedade em cheque, com o nascimento das *novas concepções* a partir do *velho mundo*.

OBJETIVOS

Os objetivos desta pesquisa se dividem em Geral e Específicos:

Objetivo Geral

. Analisar a constituição dos personagens Victor Frankenstein, Lily, Proteus e Caliban dentro da arquitetura autoral da minissérie e a representação do nascimento das criaturas em

perspectiva de sujeito social, em Penny Dreadful, como enunciado re-significado da obra de Mary Shelley nos episódios *Seance*, *Ressurrection* e *Fresh Hell*.

Objetivos específicos

- . Analisar a construção interdiscursiva/intertextual do personagem Frankenstein, Lily, Proteus e Caliban com a obra de Mary Shelley
- . Relacionar os personagens propostos com outros protagonistas afim de compreender a construção dialógica da ambivalência e da complexidade da existência humana que se revela no interior da arquitetura da série
- . Analisar os enunciados verbais, vocais e visuais que são inseridos como elementos constituintes dos sujeitos em suas iniciais referências éticas nos episódios propostos no projeto

PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

A pesquisa será desenvolvida no período de 12 meses, com atividades a serem realizadas em cinco (5) bimestres e um mês.

Os encontros entre orientadora e orientando serão semanais, bem como a continuação da participação da aluna nas reuniões do GED – Grupo de Estudos Discursivos – coordenado pela orientadora. Além disso, o proponente e sua orientanda se comprometem a participar, com apresentação de trabalho, de, ao menos, quatro (4) eventos acadêmicos no decorrer do desenvolvimento da pesquisa e vigência da bolsa, assim como publicar, no mínimo, dois (2) artigos científicos em revistas expressivas da área.

- . Primeiro Bimestre: Início da fundamentação teórica com base nas ideias do Círculo Bakhtin, Medvedev, Volochinov, bem como início da descrição do corpus, pensado desde o início da pesquisa, junto com o desenvolvimento do embasamento teórico.

- . Segundo Bimestre: Continuação da fundamentação teórica, com esboços analíticos e pesquisa contextual acerca da obra de Mary Shelley e da constituição de Frankenstein, Caliban e Proteus.
- . Terceiro Bimestre: Elaboração e entrega do Relatório Científico de Progresso à FAPESP.
- . Quarto Bimestre: Análise do episódio escolhido como corpus da pesquisa.
- . Quinto Bimestre: Interpretação dialógica do corpus, centrada na representação do nascimento social de Proteus e Caliban. Início da elaboração do Relatório Científico Final.
- . Último mês: Elaboração e entrega do Relatório Científico Final à FAPESP.

Abaixo, uma tabela permite a melhor visualização do cronograma proposto:

| Etapas | 1° Bim | 2° Bim | 3° Bim | 4° Bim | 5° Bim | Último Mês |
|---------------------|--------|--------|--------|--------|--------|------------|
| Embasamento teórico | X | X | X | X | X | X |
| Contextualização | X | X | X | | | |
| Análise do corpus | X | X | X | X | X | X |
| Relatório Parcial | | | X | | | |
| Relatório Final | | | | | X | X |
| Eventos | X | X | | X | X | |
| GED | X | X | X | X | X | X |
| Orientação | X | X | X | X | X | X |

MATERIAIS E MÉTODO

Propomos uma pesquisa qualitativa de caráter analítico-interpretativo, a qual analisará a arquitetura do discurso ambivalente na existência humana a partir do nascimento das criaturas Caliban, Lily, Proteus e, a partir também, de suas relações com a de Victor Frankenstein no segundo e terceiro episódio da primeira temporada e primeiro episódio da segunda temporada da série televisiva criada por John Logan.

Partimos da compreensão, segundo o pensamento de Bakhtin e do Círculo, de que a relação entre os enunciados e os sujeitos que os enunciam é indissociável. As concepções de sujeito, alteridade, exotopia, estética, diálogo e ideologia fundamentam a pesquisa proposta. Os conceitos do Círculo não podem estar isolados, pois há uma arquitetura, o que torna necessário o estudo dos outros conceitos para refletir sobre um.

Quando falamos em estética, por exemplo, é necessário falar sobre ideologia, para entender a relação entre valoração, signos linguísticos, linguagem e constituição do sujeito. Para falar sobre a constituição do sujeito, o “eu-para-mim”, “eu-para-outro” e “outro-para-mim”, são necessários conceitos como exotopia, alteridade e acabamento estético, que advém da valoração estética.

FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Durante o período da pesquisa serão analisadas dialogicamente a constituição de Victor Frankenstein, Lily, Proteus e Calibã em relação aos seus respectivos nascimentos, bem como a análise da constituição dos outros protagonistas em suas contradições (sempre em relação à Frankenstein e criaturas).

Serão utilizados os conceitos do Círculo, a partir dos textos-fonte e de textos de pesquisadores da área, tais como Brait, Faraco, Geraldi, Ponzio, Zavala, Paula, Machado, Amorim, entre outros. Os resultados da pesquisa serão analisados de maneira qualitativa e serão apresentados em artigos científicos, bem como em apresentações em eventos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, M. O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2001.
- BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV) (1929). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1992.
- _____. Discurso na vida e discurso na arte. In: ____ Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. Freudismo. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BAKHTIN, M. M. (MEDVEDEV). O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. (russo) Sheila Grillo e Ekaterina Americo. São Paulo: Contexto, 2012.
- BAKHTIN, M.M (1920-1974). Estética da Criação Verbal. Trad. (russo) Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. (1975). Questões de Literatura e de Estética. São Paulo: UNESP, 1993.
- _____. Para uma filosofia do ato responsável. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- _____. Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- BARROS, D.L.P.; FIORIN, J.L. Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin. São Paulo: EDUSP, 1999.
- _____. Teoria do Romance I – A Estilística. Rio de Janeiro: 34, 2015.
- BRAIT, B (Org). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- _____. (Org.). Bakhtin: Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. (Org.). Bakhtin: Outros Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. (Org.). Bakhtin e o Círculo. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. (Org.). Bakhtin – Dialogismo e Polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. (Org.). Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas. Campinas: Pontes, 2001.
- FARACO, C. A. Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar, 2003.
- FIORIN, J. L. Elementos de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. Em busca dos sentidos – Estudos Discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.
- MACHADO, I. A. O romance e a voz – A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Imago/FAPESP, 1995.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2005. PAULA, L. de;

PENNY DREADFUL: 1º Temporada. Direção: J. A. Bayona, Dearbhla Walsh, Coky Giedroyc, James Hawes. Produção de James Flynn, John Logan, Morgan O'Sullivan, Pippa Harrus, Sam Mendes. EUA: PARAMOUNT PICTURES, 2014. 3 DVDs (436 min), widescreen, color. Produzido por Neal Street Productions, Desert Wolf Productions.

PONZIO, A. A revolução bakhtiniana. São Paulo: Contexto, 2012.

Shelley, M. 1797-1851. Frankenstein ou O Prometeu moderno / Mary Shelley; tradução de Christian Schwartz. 1a ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

STAFUZZA, G. (Orgs.). "Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável". Volume 1. Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.

_____. "Círculo de Bakhtin – diálogos in possíveis". Volume 2. Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

_____. "Círculo de Bakhtin – pensamento interacional". Volume. 3. Série Bakhtin – Inclassificável. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2013.

SOBRAL, A. Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase "parasitária" de uma vertente do gênero de autoajuda. 2006. 325 pág. Tese- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006. Arquivo digital.

TIHANOV, G. The master and the slave: Lukács, Bakhtin, and the ideas of their time. New York: Oxford University Press Inc, 2002.

ZAVALA, I. Bajtin y sus apócrifos. Porto Rico: Antrophos, 1997